

O PROFETA E A VERDADE, A PALAVRA E A REALIDADE: UMA LEITURA SOBRE A FÁBULA DOS DOIS HOMENS, UM RICO E O OUTRO POBRE DO PROFETA NATÃ

George Roberto dos Santos*

RESUMO: *Este trabalho tem como objetivo apresentar o que caracteriza a realidade profética dos antigos profetas de Israel de modo em geral, especificando Natã. Podemos verificar que aqueles são pessoas escolhidas por Deus, para anunciar sua mensagem ao povo e aos governantes, sendo ela de benção ou de maldição, por meio da palavra. O profeta Natã será um profeta ideológico que influenciará o reinado de Davi, levando-o a obedecer à vontade de Iahweh que fará do seu reino sem fim. Na fábula dos dois homens, um rico e o outro pobre, Natã irá provocar Davi para a justiça de Iahweh e levá-lo-á ao arrependimento por ter provocado a morte de Urias para ficar com sua mulher.*

Palavras-chave: Profetas; Palavra; Realidade.

O PROFETA E A PROFECIA NA CULTURA JUDAICA

A cultura judaica, que é uma das mais tradicionais do mundo e originadora da cultura cristã, traz em sua literatura um dos temas mais caros e especial, a profecia. Não é um tema que aparece com exclusividade no povo hebreu, nem na Bíblia, também não é uma característica apenas masculina ou de uma religião específica. Está ligado a um grupo que se organiza:

O profeta ou a profetisa são pessoas dotadas carismaticamente e estão conscientes de terem sido chamados e escolhidos de um modo particular e se sentem impelidos anunciar as palavras e a executar as ações que lhes foram inspiradas sob a forma de revelações divinas durante um estado psicológico de inspiração, possivelmente acompanhado de êxtase mais ou menos forte (SELLIN; FONRER, 1978, p. 512).

Se formos verificar nas próprias Sagradas Escrituras vamos encontrar menção a deuses fora de Israel que tem profetas que anunciam em seus nomes, como é o caso dos profetas do deus Baal (1Rs 18, 19ss; 2Rs 10,19).

No que trata da função do profeta é alguém que fala em nome do divino, no caso de Israel, de Iahweh. Sua preocupação é permitir que a vontade da divindade aconteça entre os homens.

A dinâmica do profetismo em Israel se dá num "paralelismo com fenômenos análogos de outras religiões" (ALONSO SCHOÖKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 30) que terá uma particularidade, o monoteísmo da nação.

Em Israel, será o Espírito de Iahweh que impulsionará os homens a profetizar, e para isto há, anteriormente, uma transformação pessoal que leva o profeta, muitas vezes forçado, a falar

* Bacharel em Filosofia pelo Instituto de Teologia da Universidade Católica do Salvador – UCSal, membro do Núcleo de Estudos da Análise do Discurso NEAD / UCSal e estudante de Teologia pela Faculdade Arquidiocesana de Feira de Santana FAFS. Email: geobertosantos@yahoo.com.br.

em nome de Deus. Não se trata de semideuses, de anjos, os profetas são homens e mulheres que têm consciência da especificidade de sua missão e que apresentam a mensagem divina nas diversas circunstâncias da caminhada do povo, nos momentos de crise e que anunciam e denunciam os reis que são escolhidos e ungidos por Deus, muitas vezes, pela mão do profeta. São “figuras individuais, com seu conhecimento misterioso de coisas desconhecidas, e o papel, muitas vezes sem significação de estase” (SELLIN; FONRER, 1978, p. 514).

O profeta dá testemunho da presença de Iahweh, da força do seu espírito, sem ordem nem marco estabelecidos, com palavras, gritos, danças, etc no mundo.

O profeta não mantém posto fixo: é trombeta volante que invade a praça, o profeta não mantém posto fixo; é trombeta volante que invade a praça, o palácio, o átrio do templo. Ressoam os seus gritos em todas as camadas da sociedade; apanha a Israel dormindo sossegado no vício, sacode-o a fim de que assuma os deveres da aliança com Deus (ALONSO SCHOÖKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 30).

Os profetas tinham uma missão política. Como mensageiros de Iahweh, deveriam lembrar a todos, inclusive ao rei, de que quem governava Israel era Iahweh. Na hora em que o povo se esquecia da Palavra de Iahweh e se desviava do caminho, era o profeta que, com palavras severas, provocava o retorno. As palavras dos profetas trazem a verdade de Deus. Israel não pode se esquecer da aliança feita com Iahweh por isso a obrigação incondicional de Israel obedecer às normas contidas na aliança.

Tratava-se, no verdadeiro sentido da palavra, de uma missão política, porque os profetas falavam como mensageiros da corte celeste de Iahweh, como agentes designados do seu império no mundo, sendo seu dever lembrar aos reis e aos grandes do estado que o governador real de Israel era Iahweh, criticando e corrigindo o estado à luz da vontade declarada de Iahweh (BRIGHT, 1978, p.355).

No discorrer histórico de Israel, podemos constatar diferentes junções exercidas pelos profetas, que eram considerados numerosos e que podemos compreendê-los pelo título geral de “profetas profissionais do culto” como nos ajuda compreender Sellin e Fohrer. Neste grupo, estão inclusos os profetas que circulavam pelo país, os que ajudavam no santuário, ao lado dos sacerdotes e que parte de suas palavras foram conservadas nos salmos em seções isoladas dos livros proféticos, como também em livros interos e os áulicos, que estavam ligados ao império, como empregados conselheiros dos soberanos ou aos ligados aos santuários reais.

A classe dos profetas profissionais do culto existiu até à época posterior do exílio, embora, dado o seu caráter carismático, não se possa falar de uma instituição permanente e de um “ofício” de profeta. Era nos santuários, aos quais não estavam tão vinculados como os sacerdotes, que esses profetas transmitiam os oráculos divinos ou exerciam o papel de intercessores junto a Deus. Quase sempre eles representam a linha oficial cultural e nacional da javista, que é fundamentalmente determinada pelo fato de ver Israel, por força de sua íntima relação com Javé, numa situação preexistente de salvação (SELLIN; FONRER, 1978, p. 516).

Um outro grupo de profetas que surgirá neste período anterior ao exílio (586-538 a. C.), em escala menor serão os grandes profetas individuais: Amós, Oséias, Isaías, Miquéias,

Sofonias, Jeremias, Ezequiel. É por meio destes que a profecia chega no seu apogeu no Primeiro Testamento. É de fundamental importância verificar que este tipo de profeta não exerce a atividade profética por conta de uma profissão e sim por conta de um chamado especial.

Eles atuam na vida de seu povo, não como membro de uma corporação ou de uma classe; não como representante de clã ou de uma tribo; não como funcionários de um santuário ou de um rei; pelo contrário: eles se sabem exclusivamente representantes e mensageiros de seu Deus, para além de todas as vinculações de parentesco, sociais, nacionais e culturais (SELLIN; FONRER, 1978, p. 517).

Para estes profetas, o homem está numa condição de perdição por não querer confiar em Deus, há uma recusa da parte dele de entrega total a Deus. Neste caso, Deus se afasta do homem por conta de sua justiça e promulga uma punição aniquiladora.

A idéia pessoal de profeta só veio ter visibilidade depois do exílio quando a população foi percebendo que os profetas profissionais estavam errados e poucos profetas tinham razão. Dessa maneira, “depois do exílio, a classe dos profetas profissionais foi aos poucos perdendo prestígio e acabou por se integrar nas corporações de cantores do templo, ao passo que os oráculos dos grandes profetas individuais foram recolhidos cada vez mais e tidos como sagrado” (SELLIN; FONRER, 1978, p. 518).

A PALAVRA PROFÉTICA E A REALIDADE

Como pudemos observar anteriormente, os profetas são pessoas que possuem um destaque social por estar falando em nome de Deus e por estar interferindo de maneira direta na convivência do povo, seja diretamente falando à população, seja falando especificamente às autoridades, como os reis. Suas palavras ressoavam aos ouvidos dos israelitas como “oráculo do Senhor”, ou melhor, palavra do Senhor dirigida a todos e que, se não acolhida e realizada, os interessados seriam todos castigados. Sofreriam as conseqüências da desobediência.

É por meio da boca do profeta que a mensagem divina chega ao mundo. Com isto, Deus utiliza meios humanos para exprimir sua vontade. A palavra é o meio pelo qual Deus se torna realidade e evidência para o mundo. No gênesis Ele diz: “faça-se”, e as coisas tornaram realidade. Por meio da palavra, tudo no universo fora criado.

É importante notar que para Deus “tudo era bom”. O feito correspondia à sua vontade, por conseguinte, houve um contemplar de Deus da coisa criada. A realidade não era um acontecimento atrasado de uma palavra pensada. Realidade e palavra na boca de Deus não se distinguem, não possuem a categoria tempo para a palavra de Deus: Ele falou e concomitantemente a coisa se fez.

Na comunicação de Deus com os humanos, a palavra, podemos dizer, é a via. Mesmo identificando na comunicação humana uma fragilidade, onde a mensagem muitas vezes não acontece, porque a palavra é desprotegida e frágil.

Ela [a palavra] é vento que soa, limitado pela distância, confinado pelas fronteiras das línguas, de duração instantânea e submetido a inúmeras perturbações. O homem que a pronuncia é fraco, quando não dispõe de riquezas que a recomendem ou de exércitos que a apoiem ou de tribunais que a sancionem. É fraca principalmente porque se dirige a corações humanos rudes ou frouxos, obstinados ou covarde. É fraca principalmente porque quem a deve pronunciar pode fugir (como Jonas) ou calar (como Jeremias); porque quem tem

de ouvi-la pode fechar os ouvidos ou ficar de coração endurecido; porque ao ser pronunciada, ela deixa de existir (ALONSO SCHOÖKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 14).

O profeta, além de ser alguém com palavra fragilizada por ser homem, tem que anunciar por meio da palavra a verdade de Deus, a palavra de Deus, o oráculo do Senhor. Como artesão da palavra, o profeta também é alguém que lida com engenhosidade com a escrita. Ele tem um diligente trabalho de estilo em todos seus pormenores: “no ritmo, na sonoridade (muito importante numa cultura oral), na colocação das palavras, nas alterações significativas de frases feitas, nas audaciosas associações, nas engenhosas alusões e em todos os recursos e uma retórica que se enfrenta veementemente com o público” (ALONSO SCHOÖKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 14). E desta forma, a palavra de Deus é comunicada aos homens por meio de homens.

É por meio da palavra poética (verso/ prosa) que o profeta comunica Deus. A maioria dos profetas escreve com uma linguagem poética inigualável, seus textos são verdadeiras poesias. A linguagem poética utilizada pelos profetas traz a plenitude da comunicação unitária e por ela poder gerar no ouvinte e leitor uma intimidade pessoal e o desejo de torná-la realidade.

O PROFETA NATÃ

É neste contexto que encontramos o profeta Natã. Biograficamente não temos muita coisa sobre sua história. Os textos bíblicos não trazem uma apresentação de Natã. Aparece pela primeira vez no segundo livro de Samuel (2Sm 7,2), que já o traz próximo a Davi (1000-961), rei de Israel. Sua interferência se dá inicialmente quando o rei o consulta para se lamentar da luxúria de seu palácio e a simplicidade da tenda onde a Arca da Aliança habita. Assim Natã dirige oráculo do Senhor, onde o Senhor indaga sobre o seu desejo de construir um templo para Ele, mas quem na verdade vai construir, não um templo, uma casa será Iahweh para Davi (2Sm 7,11) onde não terá fim, ou seja, Iahweh dará a dinastia de Davi uma perenidade, dando aos seus descendentes o poder em Jerusalém. “A tua casa e a tua realeza subsistirão para sempre diante de mim e o seu trono se estabelecerá para sempre” (2Sm 7,2).

Um outro momento em que Natã vai interferir no reinado de Davi será no período da guerra contra os amonitas em que Davi trama a morte de Urias para ficar com sua mulher Betsabéia e assim o profeta o repreende, provocando assim o arrependimento do rei. Davi reconhece seu pecado e é perdoado por Deus (2Sm 12,1-15).

O profeta Natã vai aparecer novamente na história quando Salomão será eleito para suceder seu pai. Ele estará fazendo a interferência para que o trono de Israel continue sendo conduzido por um da casa de Davi, e, neste caso, seu filho Salomão (1Rs,1).

Pode-se verificar, nas interferências do profeta Nata, no reinado de Davi, uma forte participação ideológica, favorecendo assim a dinastia davídica. Após a unção de Salomão, não mais se ouve falar do profeta Natã.

A FÁBULA DOS DOIS HOMENS: UM RICO E O OUTRO POBRE

^{1b}“Havia dois homens na mesma cidade,
um rico e o outro pobre.

² O rico possuía ovelhas e vacas em grande número.

³ O pobre nada tinha senão uma ovelha,
só uma pequena ovelha que ele havia comprado.
Ele a criara e ela cresceu com ele e com os seus filhos,

comendo do seu pão, bebendo na sua taça,
dormindo no seu colo: era como sua filha.
⁴ Um hóspede veio à casa do homem rico,
que não quis tirar uma das suas ovelhas ou de suas vacas
para servir ao viajante que o visitava.
Ele tomou a ovelha do homem pobre
e a preparou para a sua visita.” (2Sm 12,1b-4)

Este texto faz parte do segundo livro de Samuel que tem sua última redação “no tempo do exílio na Babilônia (586-538 a. C.), feita pela assim chamada escola deuteronomista, isto é, um grupo que analisava a história a partir das idéias do livro do Deuterônomo” (STORNIOLO; BALANCIN, 1991, p. 7).

Inicialmente, podemos afirmar que esta fábula está situada no reinado de Davi (1000-961), pronunciada pelo profeta Natã, mas sua mensagem é Iahweh quem dita. “Iahweh mandou o profeta Natã falar com Davi. Ele entrou e lhe disse” (2Sm 12,1a), seguindo assim a narração da fábula, que traz como seqüência as aspas que identificam a voz de um outro se pronunciando. É a voz de Iahweh que fala, característica da profecia, o profeta apenas é instrumento do divino na sua mensagem.

No primeiro momento do texto, nos versículos 1-3, verificamos a identificação feita pelo autor de duas realidades sociais: a riqueza e a pobreza e de dois homens que estão situados nelas. Estão no mesmo lugar, a cidade. Com isto, participam das mesmas condições oferecidas pela localidade, contudo gozam de bens diferentes. Um possui ovelhas e vacas em grande quantidade, em contraposição, o outro só possui uma ovelha e esta é tratada com uma familiaridade não identificada pelo homem rico.

A visita de alguém na casa do homem rico fá-lo cobiçar não as suas próprias vacas e ovelhas para fazer o banquete de recepção, mas a única ovelha do homem pobre e a prepara para sua visita.

Como esta fábula está direcionada para uma pessoa, ela já possui uma finalidade evidente: provocar o arrependimento de Davi. Contudo, Natã não faz isto, repreendendo-o diretamente por meio de palavras duras ou coisa semelhante. Ele utiliza desta fábula para provocar Davi para a sua situação de adultério.

Diante da abundância do palácio, das várias mulheres disponíveis, Davi foi cobiçar logo a mulher de seu soldado, e Iahweh, sendo justo, não ia permitir que este ato passasse impunemente. A alusão a esta realidade, do homem rico e o outro pobre, promove a Davi a maldição de Deus, que acolherá seu pedido de perdão, mas antes terá que oferecer o castigo pelo ato. Assim, para cada ato praticado pelo homem, Deus sempre lhe dá a recompensa, mesmo que esta recompensa seja o que “supomos” como mal.

Aos ouvidos de Davi isto soa como uma maldade promovida pelo homem rico, “Davi se encolerizou contra esse homem e disse a Natã: ‘Pela vida de Iahweh, quem fez isso é digno de morte! Devolverá quatro vezes o valor da ovelha, por ter cometido tal ato e não ter tido piedade’ (2Sm 12, 5-6). O próprio rei se encarrega de efetuar o juízo sobre o homem rico e, conseqüentemente, poderia levá-lo à morte, contudo a resposta do profeta Natã o deixa desconcertado porque quem está sendo julgado é ele mesmo. “Natã disse a Davi: Esse homem és tu!” (2Sm 12, 7).

Iahweh defende a fidelidade do povo ao propósito da aliança. Tudo foi dado a Davi, mas, mesmo assim, ele não consegue manter sua fidelidade. Provoca a morte de Urias com a intenção de tomar para si sua esposa e contrai a ira de Deus.

“Natã disse a Davi: Esse homem és tu! Assim diz Iahweh, Deus de Israel: eu te ungi rei de Israel, eu te salvei das mãos de Saul, eu te dei a casa do teu senhor,

eu coloquei nos teus braços as mulheres do teu senhor, eu te dei a casa de Israel desprezaste Iahweh e fizeste o que lhe desagradava? Tu feriste à espada Urias, o heteu; sua mulher, tomaste-a por tua mulher, e a ele mataste pela espada dos amonitas. Agora, a espada não mais se apartará da tua casa, porquanto me desprezaste e tomaste a mulher de Urias, o heteu, para que ela se tornasse tua mulher

Assim diz Iahweh: Na tua própria casa farei surgir a desgraça contra ti. Tomarei as tuas mulheres, debaixo de teus olhos, e as darei ao teu próximo, que se deitará com as tuas mulheres à luz deste sol. Tu agiste em segredo, mas eu cumprirei tudo isso perante a face de todo o Israel e à luz do sol” (2Sm 12, 7-12).

Aqui podemos encontrar a universalidade da mensagem da fábula: é o contentamento ao que foi dado por Deus que levará o homem a salvaguardar-se da prática do mal. Praticar o mal ao outro acarreta o mal sobre si próprio. A lei do talião: “Olho por olho, dente por dente” toma forma aqui porque acusa o mal praticado e recompensa com o próprio mal quem o pratica.

Reter de Iahweh o perdão não significa que ele retire sua justiça não julgando e punindo quem pratica o mal. A justiça de Deus sempre se torna realidade principalmente junto ao seu perdão. “Davi disse a Natã: ‘Pequei contra Iahweh!’ Então Natã disse a Davi: ‘Por sua parte, Iahweh perdoa a tua falta: não morrerás. Mas, por teres ultrajado a Iahweh com o teu procedimento, o filho que tiveste morrerá.’ E Natã o deixou” (2Sm 12, 7-12).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os profetas tiveram um papel fundamental para a constituição do povo de Israel. Foram eles que provocavam a manutenção da fidelidade do povo a Iahweh e permitiram que a soberania de Iahweh não fosse perdida. O rei pode até governar em Israel, mas quem superabunda como poder é Iahweh.

A profecia será sempre o espaço da voz de Deus, reclamando algo para o seu povo ou reprovando ações deste mesmo povo. A fidelidade é o grande marco de Deus na sua escolha pelo povo de Israel. Esta exclusividade implica a afirmação da aliança que sempre se renova na boca dos profetas.

É sempre a verdade de Iahweh que é comunicada pela boca dos profetas. Acreditar ou não implicará sempre uma consequência: a justiça de Iahweh. Com isto, a mensagem expressa pelo profeta tem sempre que acontecer. Seja ela benéfica ou maléfica, há sempre uma força que a torna realidade. Nem uma palavra sequer voltará para o seu repouso sem antes surtir o seu efeito ativo, porque sempre a palavra se fará ação. Jesus confirma isto quando afirma: “Porque em verdade eu vos digo que, até que passem o céu e a terra, não será omitido nem um só i, uma só vírgula da Lei, sem que tudo seja realizado (Mt, 5, 18).

Se a cobiça é quem conduz o homem no seu itinerário existencial, o que lhe restará como recompensa será o desprezo de Iahweh e o lançamento a sua própria sorte. Reconhecer-se pecador parece ser, para o herdeiro do reino javista, a condição para que, mesmo pecando, continue obtendo de Deus o perdão com sua justiça.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Paulus, 2004.

ALONSO SCHOÖKEL, L.; SICRE DIAZ, J. L. **Profeta I: Isaías, Jeremias**. São Paulo: Paulinas, 1988.

BRIGHT, J. **História de Israel**. São Paulo: Paulinas, 1978.

SELLIN, E.; FOHRER, G. **Introdução ao Antigo Testamento vol. II**. São Paulo: Paulinas, 1977.

STORNILO, Ivo; BALANCIN, Euclides M. **Como ler os livros de Samuel: a função da autoridade**. São Paulo: Paulinas, 1991.